

AGOSTINHO DE HIPONA

SERMO LII - De trinitate

In *Revue Benédicte* 74 (1964) pp. 15-35

1. Resumo
2. Texto em tradução portuguesa

Paula Oliveira e Silva
Instituto de Filosofia – Universidade do Porto

1. RESUMO

§§ 1-6:

- A Trindade divina revela-se no passo da Escritura que descreve o baptismo de Cristo no Jordão (Mt. 3, 14).
- Da Unidade entre o Pai e Filho, no acto da criação, e do facto da criação ter sido realizada pela mediação do Verbo, deduz-se que o Verbo está em todas as coisas e as governa, pois o governo é parte da operação divina.
- Na Trindade é possível distinguir realidades diferentes, afirmando sempre a unidade de operações.

§§ 6- 14

- A discussão sobre a unidade de operações na Trindade, tendo em conta as operações de Deus no tempo, poderia levar a concluir que a distinção da presença de Deus-Trindade manifestada nos acontecimentos históricos relatados pela Escritura – em concreto, a encarnação, paixão, morte e ressurreição de Cristo – é apenas nominal e aparente, não real. Esta é a posição dos patripassianos. O *Sermo LII* é um dos poucos lugares onde Sto. Agostinho se refere a explicitamente a esta controvérsia.
- Para a descrição da encarnação do Verbo como acção do Pai e do Filho, mas realização apenas do Filho, Agostinho recorre à distinção paulina entre *forma seruui* e *forma Dei*, insistindo que ambas se reúnem na mesma identidade: Cristo. Em *De trinitate* IV recorre ao mesmo argumento para justificar a verdadeira mediação de Cristo.

§§ 15- 23

- Esboço do argumento de *De trinitate* VIII-X, na mostraçãõ da essência da trindade divina a partir das faculdades da mente humana.
- Duas são as vias para compreender a Trindade.

- a) a união mística e extática, a qual não é concedida a todos, e mediante a qual se experimenta sobretudo a inefabilidade de Deus.
- b) o esforço de inteligência da fé, que exige ascender das criaturas ao Criador. É esta a via que Sto. Agostinho prossegue, mediante a análise da própria mente humana, na mútua implicação das suas funções. No *Sermo* LII, Sto. Agostinho parte do próprio acto da enunciação para demonstrar esta paradoxal condição da mente humana: três funções distintas que operam inseparavelmente. O modo como elas são semelhança da Trindade permanece, no entanto, um mistério, dada a infinita distância entre a Imagem e a mente humana.

2. TRADUÇÃO

SERMÃO LII – A Trindade

1. A leitura do Evangelho nos propõe que vos falemos como que por mandato do Senhor. E é verdadeiramente um mandato do Senhor. Com efeito, o meu coração esperava dele uma ordem para proferir este sermão. Queria que entendêsseis que vou falar daquilo que o próprio Deus quis que eu falasse. Escutai, portanto, e que a vossa atenção e devoção ajudem o meu esforço junto do próprio Deus e Senhor nosso. Vemos, pois, e contemplamos o nosso Deus na Trindade, qual espectáculo divino que nos é apresentado junto do rio Jordão. Jesus veio para ser baptizado por João, o Senhor pelo servo, coisa que fez para nos dar um exemplo de humildade e, na própria humildade, mostrar que se cumpria a justiça. Quando João lhe dizia: “*Sou eu que devo ser baptizado por ti e és tu que vens a mim*” -, respondeu: “*Deixa agora, para que se cumpra toda a justiça*” (Mt. 3, 14-15). Quando, pois, foi baptizado, abriram-se os céus e desceu sobre ele o Espírito Santo sob forma de pomba. Então, fez-se ouvir do céu uma voz: “*Este é o meu Filho amado, em quem tenho o meu agrado*” (Mt. 3, 17). Portanto, temos aqui uma trindade de certo modo distinta: na voz, o Pai; no homem, o Filho; e na pomba, o Espírito Santo. Bastava apenas recordar isto, pois é muito fácil de ver. Esta trindade manifesta-se evidentemente e sem lugar a dúvidas ou escrúpulo. O próprio Cristo Senhor, que veio ter com João em forma de servo, é certamente o Filho. De facto, não se pode dizer que é o Pai ou o Espírito Santo. *Veio Jesus*, diz o texto. Certamente, o Filho de Deus. Quem duvidará acerca da pomba? Ou quem dirá: O que é a pomba? Pois o próprio Evangelho o diz com toda a clareza: *Desceu sobre ele o Espírito Santo em forma de pomba*. E, acerca da

voz, também não cabe dúvida de que se trata do Pai, quando diz: *Tu és o meu Filho*. Temos, portanto, uma trindade distinta.

2. E, se consideramos os lugares, ousou dizer – embora o diga timidamente, mas atrevo-me a dizer: cabe distinguir como que uma trindade. Quando Jesus vem ao rio, vem de um lugar para outro. A pomba desce do céu à terra, quer dizer, de um lugar para o outro. E a própria voz do Pai não saiu nem da terra, nem da água, mas do céu. Trata-se como que de três lugares separados, de tarefas diferentes, de funções diferentes. Alguém me poderá dizer: “mostra que a trindade é inseparável”. Lembra-te que é um católico quem te fala e que fala a católicos. Assim o profeta a nossa fé, isto é, a vossa fé, a fé recta, católica, a fé que não é recolhida junto de opiniões presunçosas, mas no testemunho das leituras, e que não está fundada na incerteza de temeridades heréticas, mas na verdade apostólica. É isto que conhecemos, nisto acreditamos. É isto que, mesmo que os nossos olhos não vejam e mesmo que o nosso coração ainda não esteja purificado pela fé, sustentamos, pela própria fé com toda a força e rectidão: o Pai, o Filho e o Espírito Santo são uma Trindade inseparável. Um só deus, não três deuses. E, sendo um só Deus, é-o de modo que o Filho não é o Pai, o Pai não é o Filho, e o Espírito Santo não é nem o Pai nem o Filho, mas o Espírito do Pai e do Filho. Esta inefável Trindade, permanecendo em si mesma, faz novas todas as coisas: criando-as e recriando-as, enviando-as e voltando a chamá-las a si, julgando e libertando. Esta Trindade, como sabemos, é inefável e ao mesmo tempo inseparável.
3. Que havemos, pois, de fazer? O Filho veio separadamente como homem; o Espírito Santo desceu separadamente sob forma de pomba; a voz fez-se ouvir do céu separadamente: Este é o meu Filho. Onde está a trindade inseparável? Deus, por meu intermédio, despertou a atenção do vosso espírito. Rogai por mim, e abrindo o vosso íntimo, ele próprio vos dê com que encher aquilo que abriste. Colaborai comigo. Vistes aquilo em que nos empenhamos – e não só o assunto, mas também a qualidade da pessoa. Já viste de onde queremos falar, onde nos situamos, até que ponto estamos mergulhados neste corpo que se corrompe e que agrava a alma, e como esta morada terrena oprime a mente quando pensa em tantas coisas (cf. Sap. 9:15). Portanto, quando afastos estes sentidos da multiplicidade e os reunimos na unidade de Deus, Trindade inseparável, para ver algo daquilo que digo, pensais que poderei dizer algo neste corpo, que agrava a

alma? Poderei dizer-vos alguma coisa? *Para vós, Senhor, elevo a minha alma.* Ele me ajude e eleve comigo a minha alma, pois sou débil e essa tarefa é para mim um peso.

4. “O Pai faz alguma coisa que o Filho não faça? Ou o Filho faz alguma coisa que o Pai não faça?” Esta questão costuma ser levantada por irmãos que se empenham intensamente no estudo, costuma ocupar as conversas dos que amam a palavra de Deus, e por causa deste assunto costuma bater-se insistentemente à porta de Deus. Por ora, falemos do Pai e do Filho. Porém, quando aquele a quem dizemos “*Sê o meu auxílio, não me abandones*” (Ps 26:9) tiver levado a cabo este nosso propósito, compreender-se-á também que o Espírito Santo nunca se separa da acção do Pai e do Filho. Escutai pois, agora, irmãos, a questão colocada, entendendo-a acerca do Pai e do Filho. O Pai faz alguma coisa sem o Filho? A resposta é: Não. Acaso duvidais? Com efeito, que fará sem Aquele por quem todas as coisas foram feitas? *Todas as coisas foram feitas por ele*, diz a Escritura. E insistindo até à saciedade, por causa dos tardos de espírito, dos duros de entendimento e dados a litígio, acrescentou: *E sem ele nada foi feito* (Jo, 1:3).
5. Que dizer, pois, meus irmãos? *Tudo foi feito por ele*. Entendemos certamente que todas as criaturas foram feitas pelo Filho, que o Pai as fez pelo seu Verbo, que Deus as fez pelo seu Poder e Sabedoria. Porventura haveremos de dizer: “Efectivamente, todas as coisas foram feitas por ele, quando foram criadas, mas agora nem todas o Pai governa por meio dele”? De modo algum. Tal pensamento se afaste do coração dos fiéis, seja rejeitado pelo sentir devoto e pelo entendimento dado à piedade. Não é possível que as coisas sejam criadas por ele e não sejam por ele governadas. Longe de nós pensar que aquilo que é seja governado sem ele, quando por ele foi feito tudo o que é. Mas também nisto somos instruídos pelo testemunho das Escrituras, que não afirma apenas, como no Evangelho que recordámos, que todas as coisas foram feitas por ele e sem ele nada foi feito (Jo.1:3), mas também que todas as coisas são por ele governadas e dispostas. Compreendeste, pois, que Cristo é força de Deus e sabedoria de Deus, compreendei também o que está dito acerca da sabedoria: “*Alcança um termo ao outro com fortaleza e dispõe todas as coisas com suavidade*” (Sap. 8:1). Portanto, não duvidemos que todas as coisas são governadas por aquele por

quem todas as coisas foram feitas. E o Pai nada faz sem o Filho, e o Filho nada faz sem o Pai.

6. Surge outra questão que nos dispomos resolver em nome do Senhor e por vontade sua. Se o Pai nada faz sem o Filho e o Filho nada faz sem o Pai, não será uma consequência imediata afirmar que o Pai nasceu da Virgem Maria, que o Pai padeceu sob Pôncio Pilatos, que o Pai ressuscitou e subiu aos céus? De modo algum. Não afirmamos tal coisa, pois não é nisso que acreditamos. *Acreditei e por isso falei, e nós acreditamos e por isso falamos* (2Cor. 4: 13; Ps. 115:10). O que nos diz a fé? Que o Filho nasceu de uma virgem, não o Pai. Que nos diz a fé? Que o Filho padeceu sob Pôncio Pilatos e morreu, não o Pai. Não se nos oculta que alguns, chamados patripassianos, compreendem isto mal, e dizem que o Pai nasceu de uma mulher, que o próprio Pai padeceu e que o Pai e o Filho são o mesmo, tratando-se apenas de dois nomes, não de duas realidades. E a Igreja Católica excluiu-os da comunhão dos santos para que não enganassem alguém e para que, separados, discutam entre eles.
7. Retorne à vossa mente, portanto, de novo, a dificuldade da questão. Alguém vem ter comigo e afirma: “ Tu disseste que o Pai nada faz sem o Filho, nem o Filho sem o Pai. E pelo testemunho da Escritura afirmaste que o Pai nada faz sem o Filho, porque todas as coisas foram feitas por ele (cf. Jo.1:3); e que tudo o que foi feito não é governado sem o Filho, porque ele próprio é a sabedoria do Pai, que atinge tudo de um extremo ao outro com fortaleza e tudo dispõe com suavidade (Sap. 8:1). E agora está a dizer-me, como contradizendo-te a ti mesmo, que o Filho nasceu de uma virgem, e não o Pai; o Filho padeceu, não o Pai; o Filho ressuscitou, não o Pai. Ora eu defendo que há algo que o Filho faz e que o Pai não faz. Portanto, ou havemos de confessar que o Filho faz algo sem o Pai, ou confessaremos que o Pai nasceu, padeceu, morreu, ressuscitou. Ou uma coisa, ou outra: escolhe entre ambas.” Eu não escolho nem uma nem outra. Não afirmo nem aquilo, nem isto. Nem digo que o Filho faz algo sem o Pai, porque mentiria se o dissesse, nem que o Pai nasceu, padeceu e ressuscitou, porque não seria menos mentiroso se o dissesse. “De que modo, perguntar-me-ão, explicarás àqueles estas dificuldades?”
8. Agrada-vos a questão proposta. Deus nos ajude, para que vos agrade também a solução apresentada. Eis o que eu digo, para que o Senhor nos liberte, a mim e a vós, destas dificuldades. Com efeito, sustentamos uma mesma fé em nome de

Cristo, e vivemos numa mesma casa, sob um mesmo Senhor, e somos membros de um mesmo corpo, sob uma mesma cabeça e é um mesmo espírito que nos alenta. Portanto, para que o Senhor nos liberte das incómodas dificuldades destas questões, a mim que falo e a vós que escutais, eis o que eu afirmo: “O Filho, não o Pai, nasceu da Virgem Maria. Mas a própria natividade do Filho, não do Pai, da Virgem Maria, foi realizada pelo Pai e pelo Filho. De facto, não foi o Pai que padeceu, mas o Filho. Contudo, a paixão foi realizada pelo Pai e pelo Filho. Não foi o Pai que ressuscitou, mas o Filho. Porém, a ressurreição foi realizada pelo Pai e pelo Filho.” Portanto, já estamos livres desta questão, mas talvez pelas minhas palavras. Vejamos agora se o podemos fazer também pelas palavras divinas. Cabe-me, então, encontrar testemunhos nos livros sagrados, para demonstrar que, na natividade do Filho, actuaram o Pai e o Filho, e que o mesmo sucede na paixão e na ressurreição. De modo que, tendo o Filho nascido, padecido e ressuscitado, no entanto estas três realidades, que só pertencem ao Filho, nem foram feitas só pelo Pai, nem só pelo Filho, mas pelo Pai e pelo Filho. Demonstremos cada uma delas. Escutai como juizes. O argumento já foi exposto. Venham as testemunhas. Que o vosso tribunal me diga o que se costuma dizer aos que levam as causas: “Mostra aquilo que prometeste”. Hei-de mostrar com clareza, com a ajuda do Senhor e com a proclamação do código celeste. Ouviste-me com atenção expor a causa, escutai agora com atenção a sua prova.

9. Antes de mais, devo expor o ensinamento acerca da natividade de Cristo: de que modo ela é realizada pelo Pai e pelo Filho, embora só ao Filho pertença aquilo que o Pai e o Filho realizaram. Cito Paulo, autoridade competente em direito divino – com efeito, há juizes que hoje recorrem à autoridade de Paulo, quando se trata de julgar litígios mesmo entre não cristãos. Dizia eu, cito Paulo, como juiz de paz e não de contenda. O santo apóstolo mostra-nos que a natividade do Filho foi realizada pelo Pai: *Quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, feito de uma mulher, feito sob a lei, para redimir todos os que estavam sob a lei* (Gal 4:4-5). Escutastes e, porque é claro e evidente, compreendestes. O Pai fez o Filho nascer de uma virgem. Com efeito, *Quando chegou a plenitude dos tempos, enviou Deus o seu Filho*: ou seja o Pai enviou Cristo. De que modo o enviou? *Feito a partir de uma mulher, feito sob a lei*. Portanto, o Pai fê-lo de uma mulher, sob a lei.

10. Ou talvez te preocupe o facto de eu ter dito “de uma virgem”, e Paulo dizer ‘*de uma mulher*’. Não te inquietes, não percamos tempo: na verdade, não estou a falar para gente rude. A Escritura usa as duas expressões: “de uma mulher” e “de uma virgem”. De que modo se diz “de uma virgem”? *Eis que a virgem conceberá no seu seio e dará à luz um filho* (Is., 7:14). No entanto, ouviste dizer “de uma mulher”. Não há contradição. É próprio da linguagem hebraica usar a palavra “mulher” para designar o ser humano feminino e não quem perdeu a virgindade. Tens essa afirmação evidente na Escritura, no Livro do Génesis: quando foi feita Eva, a primeira mulher, lê-se que a formou como mulher (Gen. 2:22). Também se diz o mesmo noutra lugar da Escritura: que Deus mandou separar as mulheres que não conheceram o leito de varão (Num. 31: 17-18; Jud. 21:11). Portanto, este aspecto já deve estar esclarecido. Não nos detenhamos mais, para avançar para outros aspectos que certamente nos vão exigir mais tempo e que, com o auxílio do Senhor, poderemos explicar.
11. Mostrámos, por conseguinte, que o nascimento do Filho foi realizado pelo Pai. Mostremos também que foi realizado pelo Filho. O que é o nascimento do Filho da Virgem Maria? Certamente a assunção da forma de servo. Porventura ‘ter nascido’, para o Filho, é outra coisa do que ter assumido a forma de servo no seio da Virgem? Escutai que isto mesmo foi realizado pelo Filho: *Ele, existindo na forma de Deus, não considerou uma usurpação ser igual a Deus; mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo* (Fil. 2: 6-7). *Quando chegou a plenitude dos tempos, enviou Deus o seu Filho feito de mulher* (Gal. 4:4), *porque ele foi feito da descendência de Davi segundo a carne* (Rom. 1:3). Vemos, portanto, que o nascimento foi realizado pelo Pai. Mas, uma vez que o próprio Filho se aniquilou a si mesmo, tomando forma de servo, vemos que o nascimento do Filho foi realizado também pelo próprio Filho. Tendo mostrado este aspecto, passemos adiante. Prestai atenção ao que se segue, segundo a ordem proposta.
12. Mostremos que a paixão do Filho foi realizada pelo Pai e pelo Filho. O Pai realizou a paixão do Filho: *Ele não poupou o seu próprio Filho, mas entregou-o à morte por todos nós* (Rom. 8:32). Também o Filho realizou a sua paixão: *Ele me amou e entregou-se a si mesmo por mim* (Gal.2:20). O Pai entregou o Filho, o Filho entregou-se a si mesmo. Esta paixão é realizada em um só, mas é feita por ambos. E assim como sucede com o nascimento, também a paixão de Cristo

não foi realizada pelo Pai sem o Filho, nem pelo Filho sem o Pai. O Pai entregou o Filho, o Filho entregou-se a si mesmo. O que fez Judas neste processo, a não ser o pecado? Passemos adiante e vejamos o que sucede com a ressurreição.

13. Reparem, com efeito, que é o Filho que ressuscita, e não o Pai. Mas a ressurreição do Filho é realizada pelo Pai e pelo Filho. O Pai realiza a ressurreição do Filho. De facto, *por isso ele o exaltou de entre os mortos e lhe deu o nome que está acima de todos o nome* (Fil.2:9). Portanto, o Pai ressuscitou o Filho, exaltando-o e elevando-o de entre os mortos. Porventura também o Filho se ressuscitou a si mesmo? Certamente que sim. Quando falou do seu corpo, comparando-o a um templo, disse: *destruí este templo e eu o levantarei em três dias* (Jo. 2,19). Por último, tal como à paixão pertence o acto de entregar a vida, assim a ressurreição consiste em retomar de novo a vida. Vejamos se o Filho deu a sua vida e entregou a sua alma ao Pai, mas não se entregou ele próprio a si mesmo. Com efeito, que ele entregou a vida ao Pai é evidente, pois referindo-se a este facto diz o Salmo: *ressuscita-me e retribuir-lhes-ei o que merecem* (Ps. 40:11). Mas porque esperais que seja eu a dizer que o Filho também voltou a dar a si mesmo a sua própria vida? Ele próprio o diz: *Tenho poder de entregar a minha vida* (Jo.10,18). Ainda não disse aquilo que prometi. Disse: *“de entregar”*. Mas já estais a aclamar, porque vos haveis antecipado. De facto, fostes instruídos na escola do mestre celeste, escutando como quem segue atentamente as suas lições, e piedosamente as distribuis. Por isso, não ignorais o que se segue: *Tenho poder de entregar a minha vida e tenho poder de a retomar de novo. Ninguém ma tira, mas sou eu que a entrego e de novo a assumo* (Jo. 10: 18).

14. Resolvemos aquilo que nos tínhamos prometido: mostrámos as nossas afirmações pelo testemunho da Escritura e de modo absolutamente seguro. Guardai aquilo que escutastes. Faço um breve resumo, confio-o às vossas mentes e recomendo que - como coisa de máxima utilidade, segundo julgo - elas o retenham. O Pai não nasceu da Virgem. Porém, este nascimento, que é do Filho, foi realizado pelo Pai e pelo Filho, a partir da Virgem. O Pai não padeceu na cruz. Porém, a paixão do Filho é realizada pelo Pai e pelo Filho. O Pai não ressuscitou dos mortos. Porém a ressurreição do Filho foi realizada pelo Pai e pelo Filho. Trata-se de considerar a distinção de pessoas e a inseparabilidade das operações. Portanto, não digamos que o Pai realiza algo sem o Filho, e que o

Filho realiza algo sem o Pai. Acaso os milagres que Jesus fez vos inquietam, como se ele próprio tivesse feito alguma coisa que o Pai não tenha feito? E onde fica aquela afirmação: *o Pai, permanecendo em mim, realiza as suas obras* (Jo. 14,10)? As coisas que dissemos eram evidentes, mas tinham de ser ditas: não se deve trabalhar para que sejam compreendidas, mas deve ter-se o cuidado de as recordar.

15. Ainda quero acrescentar mais alguma coisa, para a qual se requer verdadeiramente a mais aguda atenção do vosso espírito e a maior devoção perante Deus. De facto, só as realidades corpóreas se submetem a lugares e ocupam espaço. Mas a Deidade não exige nenhuma dimensão espacial. Ela é invisível e inseparável, e está presente em todo o lugar. Não é em parte maior e em parte menor, mas está toda ela em toda a parte, e nunca se divide. Quem é capaz de ver isto? Quem poderá compreender esta realidade? Detenhamo-nos nesta realidade: recordemos quem somos e de onde partimos para falar destas coisas. Seja o que for essa realidade que é Deus, devemos crer nela com piedade e reflectir sobre ela com santidade. E, na medida em que nos seja dado, na medida do possível, compreendamos Deus inefavelmente. Aquietem-se as palavras, a língua se silencie. O coração se inflame, eleve-se até ao inefável. A Deidade, de facto, não é uma realidade tal que tenha de elevar-se ao coração do ser humano, mas uma realidade à qual o coração deve ascender. Prestemos atenção às criaturas – *com efeito, a realidade invisível de Deus tornou-se compreensível à nossa inteligência, pelas criaturas do mundo que foram feitas por Ele* (Rom. 1:20). Talvez nas coisas que Deus fez, com as quais temos como que uma certa familiaridade pelo hábito de nos relacionarmos com elas, encontremos alguma semelhança a partir da qual possamos mostrar que existem três realidades que, não obstante se enunciarem separadamente, actuam inseparavelmente.

16. Ânimo, meus irmãos! Estai atentos, com toda a presença de espírito! Reparai, antes de mais, naquilo que vos prometo. Dado que o Criador está muito acima de nós, talvez encontre na criatura uma tal semelhança. E talvez o fulgor da verdade resplandeça na mente de algum de nós como um relâmpago e possa pronunciar aquelas palavras: *Eu disse no meu êxtase. No teu êxtase, que foi que disseste? Fui lançado para longe da presença dos teus olhos* (Ps. 30:23). Na verdade, a mim parece-me que quem disse isto elevou a Deus a sua alma e

expandiu a sua alma acima de si mesmo. Uma vez que todos os dias se lhe dizia: “*Onde está o teu Deus?*” (Ps.41,4), alcançou como que um contacto com aquela luz imutável. Porém, pela sua debilidade não conseguiu permanecer na presença dela, tendo caído novamente como que na sua enfermidade e langor. E, comparando-se com ela, experimentou que o gume da sua mente não pode ainda adequar-se à luz sabedoria de Deus. Como tudo isto se passou em êxtase, o seu espírito foi afastado dos sentidos corpóreos e mergulhou em Deus. E dessa experiência foi de certo modo novamente chamado de Deus para o homem, e disse: “*eu disse no meu êxtase*” (Ps. 30, 32). Com efeito, vi alguma coisa que não sei descrever bem, por meio de uma experiência extática que não pude suportar durante muito tempo. E, devolvido aos membros mortais e entregue a muitos pensamentos próprios dos mortais, decorrentes do corpo que agrava a alma, disse: “*Fui lançado para longe da presença dos teus olhos*” (Ps. 30:23). Tu estás muito a cima de mim, e eu estou muito abaixo. Portanto, meus irmãos, que havemos de dizer acerca de Deus? De facto, aquilo que quiseres dizer, se o entenderes, não é Deus. Se o pudeste compreender, compreendeste outra realidade, em lugar de Deus. Se pudeste ter como que uma certa compreensão, compreendeste algum pensamento teu, que te enganou. Portanto, se compreendeste, não é Deus. Inversamente, se se trata de Deus, então não o compreendeste. Como pois, queres falar dele, se não o pudeste compreender?

17. Vejamos, portanto, se podemos encontrar nas criaturas alguma coisa a partir da qual mostremos que existem três realidades separadamente, que actuam inseparavelmente. Onde nos dirigiremos? Ao céu, para discorrermos sobre o sol, a lua e os astros? À terra, para falarmos talvez dos frutos, das árvores, dos animais que a enchem? Ou haveremos de falar do próprio céu e da terra, que contêm todas as coisas que há no céu e na terra? Ó homem, por quanto tempo ainda andarás à volta das criaturas? Regressa a ti mesmo: olha para ti, examina-te a ti mesmo, discute contigo. Procuras nas criaturas uma realidade que, sendo ternária e podendo ser demonstrada por separado, actua inseparavelmente. Se procuras nas criaturas, indaga antes de mais em ti mesmo: acaso tu não és criatura? Procuras uma semelhança. Haverás de procurar nos animais? Estavas a falar de Deus, quando procuravas uma certa semelhança, falavas da majestade da trindade inefável. E, uma vez que fracassaste, ao abeirar-te das realidades divinas, confessando humildemente a debilidade que te é devida, voltaste-te para

as realidades humanas. Situa-te aí, para indagar. Procuras nos animais? Procuras no sol? Nas estrelas? Qual destas realidade foi feita à imagem e semelhança de Deus? Certamente encontrarás esta semelhança em ti, com mais familiaridade e melhor do que nelas. Deus fez o ser humano à sua imagem e semelhança (Gen. 1:26). Procura em ti. Talvez a imagem da trindade tenha deixado em ti algum vestígio da trindade. E que imagem? Há uma imensa distância entre ela e aquele de que é imagem. É uma semelhança e uma imagem imensamente distante. Não se trata de uma imagem tal como o Filho é imagem, que é igual ao Pai. Uma é a imagem no Filho, outra a imagem no espelho. A distância entre estas realidades é muita. No teu filho, a tua imagem és tu próprio. Na verdade, é filho porque é da tua natureza. Ele é da mesma substância que tu, mas é uma pessoa diferente de ti. Ora, o ser humano não é imagem como o filho unigénito, mas é feito a uma certa imagem e semelhança. Que cada um procure em si, se a pode encontrar, uma certa trindade que se pronuncie por separado e que actue inseparavelmente. Procurarei, procurai comigo: procuremos em conjunto, indaguemos em conjunto uma comum natureza e substância.

18. Vê, ó homem, repara se é verdade aquilo que digo. Não é verdade que tens corpo? E que tens carne? ‘Sim, é verdade, respondes. De facto, de que outro modo poderia ocupar um lugar e mover-me de um lugar para o outro? E de que modo escutaria as palavras dos que falam, a não ser através dos meus ouvidos de carne? E como veria a boca dos que falam, a não ser pelos olhos de carne?’ Pois é, possuis estas coisas, segundo consta, e não vamos perder mais tempo a discutir o que é evidente. Repara em algo mais para além: repara naquilo que se realiza pela carne. Escutas, de facto, com o ouvido, mas não é o ouvido que escuta. Há uma realidade interior que escuta pelo ouvido. Vês com os olhos. Repara na própria visão. Será que conhecestes a casa e desprezaste quem nela habita? Porventura o olho vê por si mesmo? Não é outra realidade a que vê, através do olho? Não digo: ‘O olho do morto não vê, pois quem nele habitava dele se ausentou’. O que eu digo é que o olho, dedicando-se a pensar noutra coisa, não vê o rosto que lhe está presente. Volta, portanto, o teu olhar para o teu interior. Na verdade, é aí que se deve procurar alguma semelhança desta realidade ternária que se manifesta separadamente, mas que actua inseparavelmente. Que há na tua mente? Se me puser a indagar, talvez encontre muitas coisas. Mas há algo bem próximo e que se entende facilmente. Que tem a

tua alma no seu interior? Eu recordo, tu considera-o. Não quero que acrediteis em mim por aquilo que eu disse. Não o aceites, se não o encontrares em ti. Presta portanto atenção. Mas antes de mais vejamos o que nos tinha escapado, vejamos se o ser humano não é apenas imagem do Filho, mas do Pai e do Filho e, portanto, conseqüentemente, do Espírito Santo. O Genesis diz: *Façamos o ser humano à nossa imagem e semelhança* (Gen.1:26). Portanto, o Pai não agiu sem o Filho, nem o Filho sem o Pai. *Façamos o ser humano à nossa imagem e semelhança*. *Façamos*, não “faço”, ou “faz”, ou “ele fez”, mas ‘*Façamos*’. À *imagem* não ‘tua’ ou ‘minha’, mas ‘*nossa*’.

19. Portanto, pergunto, estou a falar de uma realidade dissemelhante. Ninguém diga: ‘Quem se comparará a Deus?’ Já disse uma e outra vez, e voltei a repetir, à cautela, e vos acautelei. Esta imagem dista imensamente daquele de que é imagem: como a realidade suprema dista da mais ínfima, como o imutável do mutável, como as realidades criadas distam do Criador, como a realidade humana dista da divina. Eis a primeira coisa para a qual vos alerto: aquilo que eu vou dizer dista imensamente da Deidade. Portanto, que ninguém me acuse. Para não acontecer que eu procure os vossos ouvidos e alguém me mostre os dentes, o que vos prometi mostrar foi que há uma realidade ternária, que se pode mostrar separadamente, mas que actua inseparavelmente. Agora não estou a falar do grau de semelhança ou dissemelhança com a Trindade onnipotente, mas sim a afirmar que, na própria criatura, ínfima e mutável, encontramos uma realidade ternária que pode mostrar-se separadamente, mas que actua inseparavelmente. Ó pensamento carnal, consciência obstinada e infiel! Porque duvidas da existência, naquela majestade inefável, daquilo que em ti podes encontrar? Digo e pergunto: ó homem, tens memória? Se não a tens, como pudeste reter aquilo que eu disse? Mas talvez já esqueceste o que eu disse há pouco. Isto mesmo que eu digo: “disse” -, estas duas sílabas, não as podes reter a não ser pela memória. Como poderás saber que são duas, se, quando ressoar a segunda, tiveres esquecido a primeira? Para quê, portanto, perder mais tempo? Para quê esforçar-me e empenhar-me em convencer-vos? É evidente que tens memória. Pergunto mais isto. Tens entendimento? ‘Sim, tenho’, respondes. De facto, se não tivesses memória, não poderias reter aquilo que digo. E se não tivesses entendimento, não conhecerias aquilo que reténs. Por conseguinte, tens também entendimento. Chamas o teu intelecto para prestar atenção àquilo que

tens no teu interior, e vês o que aí há. E vendo-o, formas-te, e assim podes dizer que conheces. Indago ainda uma terceira coisa. Tens memória, pela qual reténs aquilo que foi dito e tens entendimento, pelo qual entendes aquilo que retiveste. Agora acerca destas duas realidades, pergunto-te: foi voluntariamente que as retiveste e compreendeste? ‘Certamente, foi porque quis’, respondes. Tens, portanto, vontade. Estas são as três realidades que tinha dito que prometeria mostrar aos vossos ouvidos e mentes. Estas três realidades que estão em ti, que podes numerar e não podes separar – memória, entendimento e vontade; afirmo que estas três realidades podem ser compreendidas e enunciadas por separado, mas actuam inseparavelmente.

20. O Senhor nos ajudará e vejo que Ele nos assiste. Pelo que fostes capazes de entender, vejo que Ele está presente. Por estas vossas palavras, vejo que de algum modo entendestes. Estou convencido que, com o auxílio divino, entenderéis tudo. Prometi mostrar que há três realidades que se manifestam separadamente, mas que actuam inseparavelmente. Vejamos. Eu ignorava o que havia na tua mente e tu disseste-me: “a memória”. Esta palavra, este som, esta voz vem ao encontro dos meus ouvidos, através do teu espírito. Tu pensavas em silêncio nesta mesma realidade, a memória, e não a dizias. Estava em ti, e ainda não tinha vindo até mim. Para que aquilo que estava em ti chegasse até mim, pronunciaste esse mesmo nome, isto é, a memória. Eu escutei. Ouvi estas quatro sílabas que estão no nome “memória”. Este é um nome de quatro sílabas. Trata-se de uma voz que ressoou aos meus ouvidos e insinuou alguma coisa à mente. Aquilo que ressoou, passou. Porém, permanece aquilo onde ressoou, bem como aquilo que foi insinuado. Mas agora pergunto o seguinte: quando pronunciaste aquele nome – ‘memória’ –, não vês com evidência que este nome não pertence senão à memória? As outras duas realidades têm também os seus nomes. Com efeito, uma chama-se entendimento e a outra chama-se vontade, e não memória. A memória é uma outra realidade. Mas para dizeres isto, para elaborar estas quatro sílabas, onde é que as realizastes? Esta palavra, que só pertence à memória, foi a memória que a realizou em ti, pois nela estava guardado aquilo que dizias. Foi realizada pelo entendimento, para conheceres o que estava guardado na memória, e pela vontade, para proferires aquilo que conhecias. Demos graças ao Senhor nosso Deus. Ele nos ajudou, actuando em vós e em nós. Vo-lo digo, com toda a sinceridade, quando me dispus a tratar convosco

este argumento, estava com imenso medo. Temia que, indo ao encontro daqueles que possuem um espírito mais capaz de entender estas coisas, os mais lentos de espírito se aborrecessem solenemente. Mas agora vejo que, tendo escutado com atenção e compreendendo com rapidez, não só percebestes o que foi dito, como até vos antecipastes ao que eu ia dizer. Graças a Deus.

21. Vede que já vos confio com segurança aquilo que entendestes. Não vos dou algo desconhecido mas, repetindo-o, confio-vos aquilo que já foi por vós entendido. De entre aquelas três realidades, apenas se disse o nome de uma delas. A memória é o nome de uma daquelas três realidades. E contudo, o nome de uma delas foi elaborado pelas três. Não se pode pronunciar ‘a memória’ sem que a vontade, o entendimento e a memória executem essa operação. Nem se pode pronunciar só ‘o entendimento’ sem que actuem a memória, a vontade e o entendimento. Nem se pode dizer só ‘a vontade’ sem que actuem a memória, o entendimento e a vontade. Aquilo que é pronunciado separadamente, é pensado inseparavelmente. Cada um destes três nomes é executado por três realidades. Porém, esta realidade, executada por aquelas três, não pertence às três, mas a uma só. Três realidades executam um só nome – ‘memória’ -, mas este nome não pertence senão à memória. Três realidades executam um só nome – ‘entendimento’ – mas este só pertence ao entendimento. Três realidades executam um só nome – ‘vontade’ – mas este nome só pertence à vontade. Assim, também a carne de Cristo foi obra da Trindade, mas aquela realidade só pertence a Cristo. A Trindade fez descer do céu uma pomba, mas esta só pertence ao Espírito Santo. A Trindade fez que se ouvisse do céu uma voz, mas esta voz só pertence ao Pai.
22. Portanto, que ninguém me venha dizer, dirigindo-se à minha debilidade com má intenção e desejo de caluniar: “Qual destas três realidades, que mostraste que estão na nossa mente ou na nossa alma, pertence ao Pai? Isto é, qual delas é semelhança do Pai, qual delas o é do Filho e qual delas pertence ao Espírito Santo?” Não o posso dizer, nem explicar. Deixemos algumas coisa para os que gostam de pensar, deixemos algo ao silêncio. Entra em ti mesmo, afasta-te de todo o estrépito: entra em ti mesmo e repara se tens aí dentro algum lugar onde possas estar no doce segredo da tua consciência, onde não haja ruído, onde não vás para argumentar nem para armar contendas ou preparar litígios, nem meditar com malícia. Prepara-te com mansidão para escutar a palavra e para entender.

Talvez chegues a proclamar: *'Faz que cheguem aos meus ouvidos palavras de alegria e de gozo e exultarão os meus ossos humilhados'* (Ps. 50:10), não os meus ossos ensoberbecidos.

23. Basta, pois, aquilo que mostrámos: que há três realidades que se manifestam separadamente, mas que actuam inseparavelmente. Se as encontraste em ti, se elas existem no ser humano, se estão em cada pessoa que habita esta terra, num corpo frágil, que agrava a alma, acredita que o Pai, o Filho e o Espírito Santo podem manifestar-se separadamente - por meio de alguns sinais visíveis, através de certas formas assumidas das criaturas - , mas actuando inseparavelmente. Isto basta. Não digo: 'O Pai é a memória, o Filho é o entendimento, e o Espírito Santo é a vontade'. Não ousa afirmar isto, seja qual for o modo como se entenda. Deixemos estas coisas mais elevadas para quem for capaz de as entender. Nós somos pequenos e dissemos o que nos foi possível, àqueles que também são pequenos. Não digo estas coisas da trindade como se equiparassem a ela, a modo de analogia, isto é, em razão de uma comparação que se lhe dirige. Não é isto que afirmo. Mas então o que é que afirmo? Mostrei que encontras em ti três realidades separadas que actuam inseparavelmente. Destas três, cada uma tem um nome, cuja pronúncia é realizada pelas três. Este nome, contudo, não pertence às três, mas a cada uma delas. Se aqui escutaste isto e o viste e admitiste, crê, portanto, que o mesmo existe Naquele que não podes ver. Podes conhecer em ti que existe esta realidade. Naquele que te fez, que é aquilo que É, como o poderás conhecer? E se poderes, ainda não podes. E quando o fores capaz de conhecer, porventura tu poderás conhecer Deus do mesmo modo que Deus se conhece a si mesmo? Basta o que foi dito à vossa caridade: dissemos aquilo que pudemos. Demos aquilo que tínhamos prometido a quem assim nos exigia. As demais coisas que se deveriam acrescentar para se completar o vosso conhecimento, devereis perguntá-las ao Senhor.